



QUALIDADE DE PROJETO NA ERA DIGITAL INTEGRADA DESIGN QUALITY IN A DIGITAL AND INTEGRATED AGE

III Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído
VI Encontro de Tecnologia de Informação e Comunicação na Construção

Campinas, São Paulo, Brasil, 24 a 26 de julho de 2013

INTERFACES E MEDIAÇÕES: A AÇÃO DAS JANELAS EM COLETIVOS URBANOS¹

Cláudia Rioja de Aragão Vargas

Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ
claudia.vargas@ufrj.br

Paulo Afonso Rheingantz

Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ
parheingantz@gmail.com

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ
gisellearteiro@globo.com

RESUMO

Este artigo, vinculado à pesquisa Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade - PROARQ/FAU/UFRJ, recorre às janelas dos edifícios da rua Pires de Almeida, Laranjeiras, Rio de Janeiro, para discutir o entendimento de urbanidade presente nas relações pessoa-ambiente na atualidade. Com base nos fundamentos da Teoria Ator-Rede (ANT), aplicados à Arquitetura e Urbanismo, trabalha as janelas como mediadoras das relações edifício/cidade, privado/público, dentro/fora. O argumento parte de um conjunto de narrativas, ou traduções, relacionadas à imersão no lugar, reconhecido como um coletivo urbano que se constitui a partir de uma dinâmica heterogênea de humanos e não-humanos. Como estratégia metodológica, foram realizados percursos de observação à deriva para acompanhar a ação em curso. Nas traduções, concentramos a narrativa na sua função primária, ou seja, possibilitar que se observe, de dentro, o mundo lá fora e vice-versa. Esta mediação ambígua reflete a natureza das possibilidades de relações. Neste caso, a rua Pires Almeida serve como exemplo destas relações. Procuramos mapear as controvérsias geradas no coletivo urbano para discutir e buscar a reflexão do leitor sobre os processos de individualização do sujeito e as relações características da atualidade, que extrapolam as fronteiras do lugar.

Palavras-chave: Qualidade do lugar. Relações pessoa-ambiente. Coletivos urbanos. Avaliação Pós-Ocupação.

ABSTRACT

This paper, linked to research *Weaving the Quality of Place search: mapping narratives and experiences of urbanity* – PROARQ/FAU-UFRJ, refers to the windows of the Pires de Almeida Street buildings, Laranjeiras, Rio de Janeiro. It discusses the understanding of urbanity present in people-environment relationships nowadays. Based on the Actor-Network Theory (ANT) applied to Architecture and Urbanism, works the windows as relationship mediating to building/city, private/public, inside/outside. Using a set of narratives or translations related to immersion in place as argument, recognize that urban collective constitutes a dynamic

¹ VARGAS, C. R. de A.; RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G. A. N. Interfaces e Mediações: A Ação das Janelas em Coletivos Urbanos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 3.; ENCONTRO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO, 6., 2013, Campinas. **Anais...** Porto Alegre: ANTAC, 2013.

heterogeneity of humans and non-humans. As methodological strategy, observation journeys were drifting to follow the action. The translations narrate their primary function, i.e. make possible to observe from the inside the outside and vice versa. This ambiguous mediation reflects the nature of relationships possibilities. In this case Pires Almeida Street serves as an example of these relationships. With mapping the controversies generated in urban collective we attempt to discuss and seek reader's reflection of the people individualization processes and the current characteristics of relationships that extrapolate the borders of place.

Keywords: Quality of place. Person-environment relationships. Urban Collective. Post Occupancy Evaluation.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo buscamos evidenciar as possíveis traduções sobre a atuação das janelas nos coletivos urbanos e as controvérsias geradas a partir destes vãos que mantêm as relações edifício/cidade, privado/público, *dentro/fora*. Quando lidamos com estes elementos, procuramos nos ocupar das influências do espaço público - suas vivências - no cotidiano do ambiente privado e vice-versa.

Ao "seguir" um ator/sujeito - não-humano, que "fala" e intervém nestas relações, tomamos como base a Teoria Ator-Rede (ANT²): os entrelaçamentos e mediações possíveis entre as redes que envolvem os ambientes de moradia e a vida da cidade - a Urbanidade. Entender esta ação implica em "entrar" nestas redes, imergir, tornar-se parte deste coletivo.

Como parte da pesquisa *Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade*, o objetivo deste trabalho é cartografar as controvérsias e traduzir uma *experiência* vivenciada no coletivo rua Pires de Almeida (figura 1), localizado em Laranjeiras, Rio de Janeiro³.

Figura 1. Vista da rua Pires de Almeida e de suas janelas.



Fonte: arquivo da pesquisa.

² Do inglês *Actor-Network Theory* (ANT).

³ Projeto vinculado ao Grupo Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR) do Programa de Pós-graduação em Arquitetura (PROARQ) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ.

2 O PROCESSO DE IMERSÃO DO OBSERVADOR EM COLETIVOS URBANOS

Atribuir qualidade ao ambiente construído não é uma tarefa simples. Buscar traduzir e entender o cotidiano de um coletivo urbano implica na impossibilidade do observador manter uma postura de distanciamento crítico, uma vez que ele está imerso e atua no coletivo.

Alinhado com os estudos de Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS), que entendem o “conhecimento científico e tecnológico como uma construção em permanente transgressão à fronteiras arbitrárias entre o ‘técnico’ e o ‘social’” (CUKIERMAN, 2007, p.14), a experiência no coletivo rua Pires de Almeida se configura como uma rede sociotécnica que se constrói a partir daquele *lugar*. Fiel aos princípios da ANT e buscando sua aplicação em arquitetura e urbanismo, nosso estudo se configura como uma rede de associações envolvendo diversos atores humanos e não-humanos e busca o entendimento dos coletivos urbanos como meio de desenvolvimento das relações que os qualificam.

Segundo Latour (1997; 2012), a ANT busca associações entre elementos heterogêneos em um trabalho que se assemelha ao de uma formiga (*ant*) escrevendo para outras formigas; ela designa “um tipo de conexão entre coisas que não são, em si mesmas, sociais” (LATOURE, 2012, p.23). Um coletivo ou rede sociotécnica se alimenta pela redistribuição e transformação de seus elementos; pelo movimento que evidencia os elementos implicados nestas ações. A observação deste dinamismo sugere diversas possibilidades de entrelaçamentos e composições, gerando tramas variáveis em sua abrangência e configuração – espacialidade (LAW, 1992).

Observar e cartografar estes coletivos possibilitam entender as relações que promovem o sentido de qualidade e da urbanidade latente que se manifestam em seu delineamento; significa traduzir as ações realizadas por seus atores e os seus respectivos papéis no coletivo observado. Assim, é preciso escolher uma porta ou caminho de entrada, ou seja, o elemento que, a partir das nossas expectativas e interesses, vai permitir uma melhor apreensão da rede (PEDRO, 2009).

Coletivo, ou **rede sociotécnica**, é o lugar da ação, composto por humanos e não-humanos. Nele ocorrem translações, articulações, delegações, desvios e deslocamentos. No coletivo urbano se dá uma ação espaço-temporal não delimitada, que modifica e se modifica constantemente pelos movimentos e associações entre os atores na rede.

Um **ator** ou **ator-rede** pode ser um elemento - humano ou não-humano - que compõe e age no coletivo/rede sociotécnica. O ator também pode ser outra rede já consolidada para o campo do coletivo em questão; “a questão é decidir se o ator está ‘num’ sistema ou se o sistema é composto ‘de’ atores interagentes” (LATOURE, 2012, p.244). Atores **não-humanos** também atuam, interferem, modificam e mediam as ações na rede. Em um coletivo urbano, os atores humanos e não-humanos têm agência e equivalência de direitos.

Os **mediadores**, por sua vez,

não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade [de caixas pretas]. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam. (LATOURE, 2012, p.65)

Já o **tradutor** é um porta-voz da rede cuja narrativa ou tradução muda de direção na medida em que se associa com outros atores; cada associação provoca um desvio na trajetória do tradutor e, também, nas trajetórias dos demais atores. A ação traduzida não deve ser a objetivada pelo tradutor ou por qualquer outro ator; ela deve ser um conjunto de narrativas heterogêneas alinhadas em torno de um mesmo fio condutor e capaz de explicar o coletivo. A ANT também não exclui a possibilidade do ator-pesquisador, em sua imersão e a partir do desvio provocado por outro ator (o ator seguido), traduzir esta translação e o desvio gerado por esta "interrupção"; é a tradução do coletivo realizada pelo ator-pesquisador e provocada pelo encontro com outro ator da rede (LATOURE, 2001).

3 A JANELA

Antes de tecer qualquer especulação sobre as relações desenvolvidas nos coletivos urbanos, é preciso entender a atuação deste elemento que carrega tantas funções em si. As janelas da rua Pires de Almeida fazem parte de um conjunto de edificações *art déco* da década de 20, cujas aberturas são padronizadas, com limites bem definidos e emolduradas nas fachadas (figura 2).

Figura 2. Detalhe da disposição as janelas na fachada.



Fonte: arquivo da pesquisa.

Nossa narrativa se concentra em sua função primária: conectar o interior dos edifícios com seu exterior [urbano]. Ela inclui os sentidos da percepção humana – visão, audição, olfato e tato; a morfologia e a permeabilidade; os laços topofílicos (TUAN 1980) ou os elos afetivos entre o ambiente (público ou privado), seus objetos (não-humanos) e os habitantes e usuários (humanos e não-humanos) que se associam no coletivo.

Segundo Alexander et al (1980, p.779), “as habitações sem vistas são cárceres para quem nelas permanecer”.

[A janela] abre o espaço interno em relação ao mundo como todo... [Através dela] o pequeno espaço de moradia está inserido no grande mundo [possibilitando] orientar-se neste mundo... [Por ela pode-se ver ao longe] qualquer pedaço do mundo externo, no qual o horizonte, se não for visível, está invisivelmente presente... [Do mesmo modo, é possível descortinar o mundo] que está à sua frente espalhado em toda sua claridade, mas o mundo não o vê, oculto que está na escuridão do quarto. (BOLLNOW, 2008, p.170)

Também permite a exposição do interior “ao olhar do estranho, que do escuro olha para dentro, talvez sem ser percebido” (BOLLNOW, 2008, p.171). A janela pode provocar insegurança e reações de enclausuramento por excesso de exposição. Esta relação ambígua é representativa da natureza das mediações produzidas pelas janelas. Em decorrência das concessões e permissões que são estabelecidas em um determinado coletivo urbano, o fluxo ou sentido dos intervenientes altera a qualidade destas relações entre o público e o privado, o interior e o exterior. Elas também interferem no grau de proximidade entre os ambientes internos e externos no que se refere à escala, proporção e afastamentos entre a rua e seus edifícios.

Inicialmente, na nossa incursão no campo, consideramos a assertiva de que, quanto mais efetivas fossem as relações dadas pelas mediações dentro/fora, maior seria o grau de qualidade e desenvolvimento do sentido de urbanidade. As janelas, na condição de mediadoras ou pontes destas relações, são atores participantes das dinâmicas praticadas no coletivo.

4 O COLETIVO URBANO DA RUA PIRES DE ALMEIDA

A rua Pires de Almeida possui características peculiares que a diferenciam de seu entorno. O conjunto urbano é composto por uma única via de acesso que parte da rua das Laranjeiras – número 536, se abre na praça Múcio Leão e prossegue em aclave até o término em *cul de sac* (figura 3). Concebido originalmente como uma vila “operária”, destinada a funcionários de vários escalões da Cia. Sul América de Seguros, possui vinte e três edifícios de quatro e três pavimentos, em um total de 153 unidades habitacionais. Todos os edifícios, de uso estritamente residencial, têm fachadas, volumetria e cobertura preservadas em termos legais⁴.

⁴ A Lei Municipal nº.1784/91 criou a Área de Proteção Ambiental dos bairros Cosme Velho e Laranjeiras, preservando as edificações da rua Pires de Almeida. Mas, apesar das restrições normativas, foram feitas diversas intervenções que descaracterizam e modificam a aparência original dos edifícios.

Figura 3. Vista aérea.



Fonte: arquivo da pesquisa.

Figura 4. Entrada pela rua das Laranjeiras.



Fonte: arquivo da pesquisa.

A presença de janelas a partir do térreo e a inexistência de elementos ostensivos de proteção, as características morfológicas do conjunto e as informações sobre a baixa criminalidade do local sugerem segurança e acolhimento. Sua ambiência remete à cidade tradicional (figura 4). Estes aspectos destacam a rua da agitação e da configuração desordenada do bairro e evidenciam as “condições necessárias para um sentido elementar de *lugar*”. O “Lugar é uma pausa no movimento”. “A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor”. (TUAN, 1983, p.153)

Tais características e impressões, relativas ao conjunto urbano, fazem parte do repertório das nossas lembranças e vivências desde o tempo de estudantes e foi com elas que foram realizadas as incursões neste coletivo urbano ou *lugar*.

4.1 À deriva na rua

Ao experienciar a ambiência do *lugar*, na primeira visita, escolhemos o método do percurso à deriva com o propósito de encontrar uma entrada para o coletivo rua Pires de Almeida. Em consonância com a recomendação de Latour (2012), nossa inserção neste coletivo urbano foi se fazendo a partir dos processos e das relações que ali aconteciam.

Estar à *deriva* “faz referência a um curso que se produz, momento a momento, nas interações do sistema e suas circunstâncias” (MATURANA, 2001, p.81), ou seja, o percurso se constrói na própria experiência e todas as narrativas relatadas, a partir desta ação, são decorrentes ou sofrem a interferência desta experiência.

No percurso inicial, um interesse latente pelas janelas foi despertado por algumas ocorrências e circunstâncias que poderiam contribuir para o entendimento da experiência vivenciada e distinguem a urbanidade do *lugar*: a qualidade funcional das esquadrias projetadas para os edifícios, perfeitamente adequadas ao nosso clima e à composição estilística das fachadas; as cordas com sacos plásticos que servem como transporte

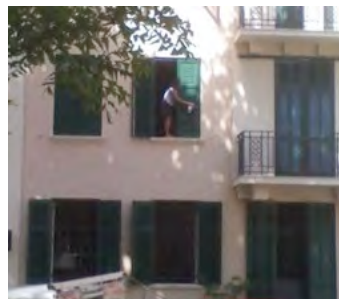
vertical dos jornais (figura 5) aos moradores dos andares superiores⁵; uma mulher fazendo a limpeza da esquadria enquanto a pracinha fervilhava em atividade (figura 6).

Figura 5. O transporte vertical.



Fonte: Imagem cedida por Fabíola Angotti (PROARQ/FAU/UFRJ).

Figura 6. A faxina da janela.



Fonte: acervo da pesquisa.

Também havia uma outra mulher, a uma certa distância do peitoril da janela, que do interior tudo observava, com uma atitude que remete ao texto *A Janela da Rua*, de Franz Kafka, cujo original data de 1913:

Quem vive isolado e gostaria de vez em quando de estabelecer contato em algum lugar, quem quer ver, sem mais, um braço qualquer no qual possa se apoiar, levando em consideração as mudanças das horas do dia, das condições climáticas, das relações profissionais e coisas dessa natureza – esse não vai levar isso adiante sem uma janela de rua. (KAFKA, 1999, p.34)

Uma vez escolhido o ator a ser seguido – a janela - procuramos cartografar as controvérsias produzidas a partir das ações e reações, envolvendo as janelas, que ocorreram durante a imersão neste coletivo urbano.

Durante a primeira imersão, a quantidade de janelas fechadas dos apartamentos não chamou atenção (figura 7). Por se tratar de um dia útil⁶, era provável que as unidades estivessem fechadas porque seus moradores estariam trabalhando fora de casa. Este entendimento só ocorreu nas visitas posteriores e após a análise das fotografias realizadas naquele dia.

Figura 7. Trecho dos edifícios da rua – fotografia efetuada no primeiro percurso.



Fonte: acervo da pesquisa.

⁵ Os edifícios não possuem porteiros e suas portarias são trancadas por motivo de segurança.

⁶ A primeira imersão na rua Pires de Almeida foi realizada em uma manhã de sexta-feira (16/09/2011).

5 AÇÕES E REAÇÕES – SEGUINDO AS JANELAS⁷

As visitas subseqüentes foram realizadas no domingo⁸, por considerar que seria o dia da semana mais propício às interações dentro/fora porque, em se tratando da folga semanal de trabalho, diversos moradores deveriam estar em seus apartamentos ou na praça. A opção pelo percurso à *deriva* foi mantida com a intenção de possibilitar que a narrativa do um ator-pesquisador fosse considerada como a tradução de um observador estrangeiro - que entra na rede, se posiciona como um ator da rede, age e se deixa agir por ela - mas não a vivencia como habitante do *lugar*. Um ator que procura entender a *qualidade daquele lugar* no contexto atual – de um bairro inserido em uma cidade que se transforma e reconfigura continuamente. Assim, situações corriqueiras do dia-a-dia, que talvez passem despercebidas pelo ator-habitante local, passaram a ganhar importância ou ter “voz”.

5.1 A tradução do ator-pesquisador – o observador estrangeiro

Ao caminhar pela rua em um final de manhã de domingo ensolarado, após alguns dias de tempo nublado e chuvoso, muitas janelas estavam fechadas, apesar das crianças brincarem na praça – havia “vida” no *lugar* (figura 8).

Figura 8. Os edifícios que rodeiam a Praça Múcio Leão e suas janelas.



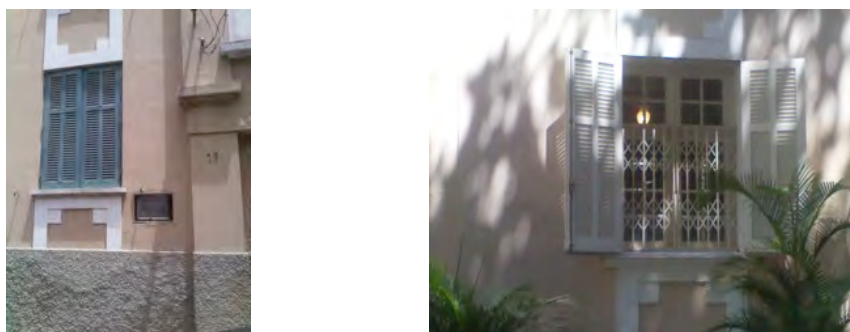
Fonte: acervo da pesquisa.

A rua estava tomada de carros estacionados, possível indício de que os moradores encontravam-se em casa. Logo na subida da rua, o ruído de um aparelho de ar condicionado ratificava: existem pessoas atrás das janelas fechadas, mas ninguém foi visto nas janelas. Em uma delas, voltada para a praça, as folhas de veneziana estavam abertas, a luz artificial do interior estava acesa e as folhas de vidro - gradeadas – estavam cerradas (figura 9). Apesar dos elementos conexão visual, os olhos da rua pareciam “fechados”.

⁷ Nesta seção transcrevemos as traduções do ator-pesquisador e dos atores-habitantes do local, bem como as controvérsias geradas no encontro destes atores no coletivo rua Pires de Almeida.

⁸ As visitas foram realizadas nos dias 20/11/2011 e 18/12/2011. O intervalo entre elas foi decorrente das condições climáticas. Houve muitas chuvas na época e dias pouco propícios à atividades externas.

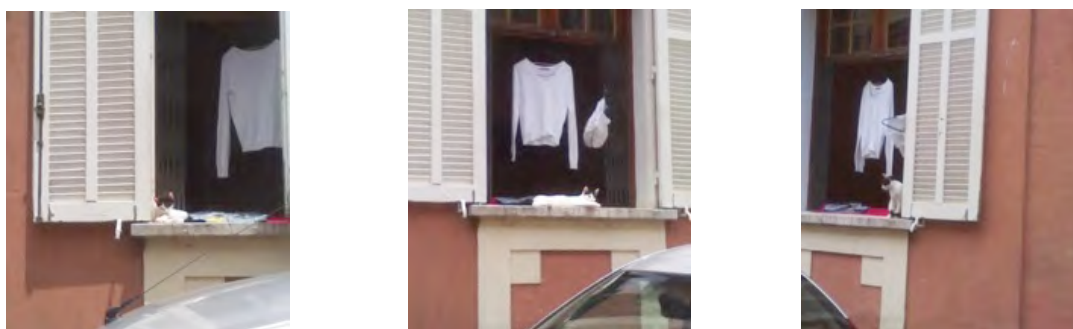
Figura 9. As janelas fechadas: o ar condicionado ligado e a luz acesa.



Fonte: acervo da pesquisa.

Seguindo o percurso, a similaridade dos edifícios e das esquadrias despertava reminiscências das discussões acaloradas - como as dos almoços de domingo na casa de seus avós, do perfume da feijoada de feijão branco, ou mesmo, de ver o movimento dos que aguardam e vigiam a “vida” exterior, tudo isso mediado pelas janelas. Nenhum evento alterou a caminhada ao subir a rua, exceto por uma apropriação com um uso mais evidente da janela – demonstração de vida no interior - e a vigília ostensiva de um gato (figura 10).

Figura 10. O vigilante da rua.



Fonte: acervo da pesquisa.

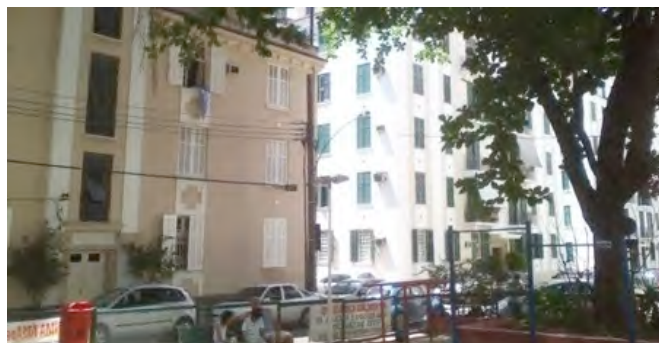
Nas visitas efetuadas nos dois domingos, a quantidade de janelas fechadas era maior do que no dia do primeiro percurso (realizado em uma sexta-feira, às 10 horas). As lembranças saudosistas tornaram-se irrelevantes. Assim, nesta tradução, a busca de relações estritamente concentradas no *lugar* e na análise da permeabilidade aparente dos interiores/exteriores e suas inter-relações, como as contidas nos versos de Chico Buarque (1966) em *A Banda*, cedeu lugar a outros questionamentos: “a moça feia”, em lugar de “ver a banda passar”, pode deixar a janela para trocar mensagens via redes sociais.

5.2 A tradução do ator-habitante do local

Um pequeno grupo de adultos se reunia na praça. Alguns estavam sentados em um dos bancos e outros estavam em pé. Eles conversavam entre si e uma das senhoras lia o jornal. Indagada sobre o *lugar* e se as janelas costumavam ficar fechadas, a moradora que lia um jornal retrucou: “Mas

elas estão abertas! Olhe! E geralmente ficam abertas, incluindo as do térreo” (figura 11). Em seguida concluiu: “podem ter viajado”.

Figura 11. As fachadas vistas pela moradora sentada na praça.



Fonte: acervo da pesquisa.

O senhor mais falante e opinativo do grupo concordou com ela, observando que as janelas ficavam abertas e que talvez as pessoas estivessem dormindo naquele momento (conversa ocorrida em um domingo, entre 12h e 12:30h). Ao comentar sobre as relações de vizinhança e o uso do local, este senhor foi interrompido por uma outra moradora: “mas você nem mora aqui!” Para, em seguida, externar que os moradores pouco se veem e interagem entre si.

6 REFLEXÕES SOBRE AS CONTROVÉRSIAS GERADAS NO ENCONTRO COM AS JANELAS DA RUA PIRES DE ALMEIDA

Estas narrativas nos impelem a extrapolar os limites das traduções focadas nas janelas, para tecer outras considerações relativas ao entendimento de *qualidade do lugar*. Esta concessão, segundo Latour (2000, p.120), foi dada no momento em que, no coletivo urbano da rua Pires de Almeida, não nos colocamos somente diante do fio condutor desta narrativa – a janela, mas dela e “mais as muitas coisas ou pessoas no interesse das quais eles estão falando”.

A princípio, estávamos diante de narrativas controversas: de um lado as janelas fechadas; do outro, a praça com seu movimento cotidiano e a inadmissão da visão das janelas fechadas por parte dos moradores e *habitués* do *lugar*. Como tratar tais controvérsias, uma vez que elas eram efetivas e autênticas, resultantes da experiência no *lugar*? Não se deveria descartar nenhuma das possibilidades, pois todas eram factíveis.

Diante destas controvérsias, geradas pela diversidade de traduções a partir do encontro com as janelas no coletivo em questão, procuramos alimentar a discussão e a reflexão do leitor. Na atualidade, os aspectos relativos à sociabilidade no âmbito do lugar, caracterizados por inter-relações pessoais

⁹ O senhor, na abordagem inicial, se disse morador da rua.

diretas, são muitas vezes sobrepostos por relações desenvolvidas *além-sítio*¹⁰, que acontecem na privacidade dos interiores e necessitam de uma carga cada vez maior de subjetividade. Em paralelo e resultantes destas imbricações, os processos de individualização, reflexo das incertezas e insegurança geradas pela “globalização negativa”¹¹ descrita por Bauman (2007, p.30), levam ao “enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade”.

Elas excluem a possibilidade de uma segurança existencial que se baseie em alicerces coletivos e assim não oferecem incentivo a ações solidárias; em lugar disso, encorajam seus ouvintes a se concentrarem na sua sobrevivência individual ao estilo ‘cada um por si e Deus por todos’- num mundo incuravelmente fragmentado e atomizado, e portanto cada vez mais incerto e imprevisível. (BAUMAN 2007, p.20)

Ao mesmo tempo em que se valoriza cada vez mais a privacidade no meio urbano, as relações baseadas no respeito e confiança mútuos e em um apoio eventual na dificuldade pessoal, ou da vizinhança, adquirem significados expressivos no que se refere às necessidades de segurança e proteção (JACOBS, 2000).

A literatura sobre arquitetura e planejamento urbano aborda a privacidade como uma questão de janelas, vistas, ângulos de visão. [...]A privacidade por meio de janelas é a coisa mais fácil de conseguir no mundo. Basta fechar as cortinas ou ajustar a persiana.

[...]Uma boa vizinhança urbana consegue um equilíbrio e tanto entre a determinação das pessoas de ter um mínimo de privacidade e seu desejo concomitante de poder variar os graus de contato, prazer e auxílio mantidos com as pessoas que as rodeiam. (JACOBS, 2000, p.63)

Ainda sobre as janelas da rua, suas características tipológicas - janelas duplas (venezianas de madeira externas, com abertura à francesa, e estrutura madeira com vidro internamente), oferecem as maiores variações e controle ar, temperatura e luminosidade; tanto proporcionam privacidade em relação ao “olhar” externo – no caso das folhas venezianas, quanto inibem o vaivém dos ruídos externos e internos quando as folhas envidraçadas são fechadas. Elas permitem que o usuário se feche para o exterior enquanto o mantém em perfeita harmonia com o meio urbano (ALEXANDER et al., 1980).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A controvérsia provocada, no momento da nossa incursão, pela visão das janelas-veneziana fechadas, em oposição à insistência da moradora do

¹⁰ Nesse caso fazemos uma referência clara às possibilidades de inter-relações pessoais travadas através das redes tecnológicas, onde os meios de troca e socialização dispensam a proximidade ou as trocas diretas comunitárias.

¹¹ Segundo Bauman (2007), refere-se à impotência de uma sociedade em seguir o seu próprio curso, devido ao número de possibilidades e à constatação de sua incompletude, diante da debilidade do coletivo, por sua própria permeabilidade.

local em afirmar que as janelas estavam e ficavam sempre abertas (aproximadamente 70% das janelas estavam fechadas no campo de visão do grupo abordado), pode ter origem na qualidade deste artefato, demonstrando sua ação como não-humano no coletivo urbano. As janelas-veneziana externas, quando fechadas, dão privacidade às unidades habitacionais ao passo que permitem o contato do morador, através das suas frestas, com os movimentos, odores e sons provenientes da rua.

Relacionar as janelas encontradas fechadas com os processos de individualização do sujeito e com as relações que extrapolam as fronteiras do *lugar* vai de encontro ao nosso interesse enquanto atuantes no coletivo urbano da rua Pires de Almeida. Esses processos e relações são, cada vez mais, possibilitados por relações produzidas no coletivo urbano em que vivemos, onde não se pode dissociar a tecnologia - e suas facilidades - do social.

Também não é possível negligenciar a influência dos elementos que compõem a ambiência local e sua relação com a vida pública; os laços afetivos que se desenvolvem com/no *lugar*. Nesse aspecto, as janelas voltadas para a rua, a escala dos edifícios e a praça como núcleo de atividades, além da memória despertada pelas características do conjunto arquitetônico, remetem a outro ritmo de vida; outra cadência, diferenciada da agitação frenética da cidade. É um outro tempo¹², que nos acolhe e dá significado ao coletivo urbano.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pelas bolsas de apoio para desenvolvimento de nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Christopher et al. **A Pattern Language/Un Lenguaje de Patrones**. Barcelona: G. Gili, 1980. [publicado originalmente em 1977]

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O Homem e o Espaço**. Tradução: Aloísio Leoni. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

CUKIERMAN, H. **Yes, nós temos Pasteur**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2007.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida das Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KAFKA, Franz. A Janela da Rua. In: **Contemplação / O Foguista**. Tradução e posfácio: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹² Tempo no sentido de ritmo; compasso.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador: EdUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

_____. **A Esperança de Pandora**. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. **Ciência em Ação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **On Actor-Network Theory - a few clarifications plus more than a few complications**. Soziale welt-zeitschrift für sozialwissenschaftliche forschung und praxis. Jahrgang, v. 41, n. 4, p. 369-381, 1997. Disponível em: <http://www.cours.fse.ulaval.ca>. Acesso em: 03 set. 2010

LAW, John. **Notes on the Theory of the Actor Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity**. Lancaster: Lancaster University, 1992. Disponível em: <http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers>. Acesso em: 28 jul. 2010.

MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Tradução Cristina Magro, Victor Paredes. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

PEDRO, R. **Redes de Controle e Vigilância: Dinâmicas psicossociais a partir de novos dispositivos tecnológicos**. Rio de Janeiro: EICOS/IP-UFRJ, 2009. [projeto de pesquisa]

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.